

PÚBLICO MAIOR A OITO: IRENE A'MOSI E O *SPOKEN WORD* EM ANGOLA

AUDIENCE OVER EIGHT: IRENE A'MOSI AND THE *SPOKEN WORD* IN ANGOLA

Taiana Machado¹

RESUMO

A presente entrevista foi realizada como trabalho de campo na cidade de Luanda no ano de 2024. A investigação busca entender o cenário das artes da capital angolana a partir da conversa com curadores, pesquisadores e artistas das mais diferentes áreas de linguagem. Irene A'mosi é artista da palavra falada (*spoken word*) além de ter uma atuação multidisciplinar. Atua diretamente com poesias e histórias desde 2017 e, na presente entrevista, descreve sua trajetória e suas impressões sobre o cenário da poesia falada e do encontro entre gerações de artistas em Luanda.

PALAVRAS-CHAVES: Irene A'mosi. *Spoken word*. Luanda. Gerações.

ABSTRACT

This interview was part of a field research carried out in 2024 in the city of Luanda. This study aims to understand the scene of arts of the Angolan capital through conversations with art curators, researches and artists from different languages areas. Irene A'mosi is a spoken word artist and works multidisciplinary. She has been working with poetry and stories since 2017 and in this interview, she describes her trajectory and her thoughts on the spoken word scene and the meeting of different generations of artists in Luanda.

KEYWORDS: Irene A'mosi. Spoken word. Luanda. Generations.

Entre 15 de junho e 28 julho de 2024 deu-se em Luanda o festival O Futuro Já Era, evento cultural organizado pelo Goethe-Institut para celebrar os quinze anos de atuação da instituição no país. A programação incluiu exposições, filmes, teatro, dança, música, rádio, workshops, performances e *talks*.

Felizmente cheguei a Luanda em 13 de junho para fazer meu trabalho de campo, parte da pesquisa de doutorado em curso até então. Tive a oportunidade de conhecer diferentes artistas, produtores e curadores que foram extremamente generosos e emprestaram suas vozes para responder as muitas perguntas que fervilharam na minha mente e coração ao longo da estadia de dois meses na cidade.

A jovem Irene A'mosi foi uma dessas personagens que, cheia de luz, me recebeu sorrindo e me abriu a oportunidade de uma conversa rica sobre suas impressões acerca do cenário das artes em Luanda. Na presente entrevista selecionei alguns dos nossos diálogos de forma a clarear a cena da *spoken word* na cidade, as vozes das novas gerações e os desafios de se fazer arte em Angola na atualidade.

A entrevista foi concedida de forma presencial e se deu em 02 de julho de 2024 no pátio do Cine São Paulo, espaço em que ocorreu o Festival, enquanto Irene tinha uma brecha das atividades de produção que desenvolvia no Festival e pudemos saborear um chá morno e aromático.

Taiana Machado (T.M): Nesse primeiro bloco gostaria que você se apresentasse e falasse um pouco do seu trabalho e da sua trajetória.

Irene A'mosi (I.A): Então, eu sou Irene A'mosi. Eu sou artista interdisciplinar, tenho a palavra como meu principal instrumento de trabalho, acabo navegando em disciplinas visuais através do audiovisual e instalações. Fiz o meu interesse pela palavra desde muito pequena. Eu cresci numa família de comunicólogos, embora nunca tivessem tido uma certa instrução acadêmica sobre o que efetivamente faziam.

T.M: Tu és aqui de Luanda mesmo?

I.A: De Luanda, mas os meus pais são de Malanje. E apesar de crescerem e se comunicarem a vida toda em um idioma diferente, as barreiras linguísticas nunca foram problemas entre nós, eles sempre comunicaram muito bem. E não é sobre usar as palavras bonitas, as palavras um pouquinho mais gramaticalmente corretas. É sobre dizer coisas que, de alguma forma, impactam e causam mudança, reflexões, né? (...). Mas eu sou mais ou menos uma privilegiada, porque eu consigo, dentre os oito filhos da minha mãe, me destacar com essa habilidade (dom) da palavra. Esse privilégio sempre existiu desde muito pequena, eu lembro que eu sempre fui muito atenta. Sempre gostei muito de conversar, de falar, e com os 15 anos comecei a registrar essas palavras, a escrever. Mas o curioso é que as pessoas não identificavam uma corrente artística específica no que eu fazia. Não conseguiam atribuir um nome ao que eu fazia, nem era música, nem era poesia, era algo totalmente diferenciado.

Eu faço poesia *spoken word*. Então aquilo começou a se constituir mais ou menos num desânimo, ausência de referências. A minha família nunca teve pessoas que se identificaram ou que se assumiram artistas. Eu tenho tios que desenharam, que desenharam até hoje, tenho a minha avó, que era cantora na igreja e canta até hoje já com os 80 anos. Tenho outros irmãos que gostam de fazer várias outras coisas que remetem a uma prática artística, mas nunca assumiram, nunca levaram isso dentro de uma vertente mais profissional. Então, a ausência de referência fez com que eu me encontrasse durante muito tempo nesse lugar, de não saber exatamente o que eu fazia. (...) As pessoas ouviam, gostavam, achavam que fazia algum sentido. Então, com 17 anos, pela primeira vez na vida, eu apresentei um desses contos a um grupo maior de pessoas. Foi no Instituto Superior de Educação de Luanda, ISCED.

Eu fui lá porque vi a comunicação do evento nas redes sociais e o evento era Minha escola, meu palco. Eram mais ou menos os alunos da escola a tentarem criar um centro cultural dentro de uma sala de aula, a sala número dezessete. E era uma iniciativa da produtora angolana Art Sem Letra². Então ela fez a comunicação na internet, eu vou para lá e apresento para o primeiro meu maior público, que foi um público maior a oito, que é a quantidade de irmãos que eu tenho em casa. Então eu apresento o texto e na sala havia pessoas que já faziam o que eu fazia há muito tempo. Já conseguiram nomear, inclusive dentro desse recorte do *spoken word*. Eu lembro que eu termino de apresentar e aí surgem na sala a gritar “*spoken word, spoken word!*” e eu: “eu não fiz nada! sou inocente!”. E então, desde aquela data conheci outras pessoas que já faziam, fui conhecendo.

T.M: Então, já tinha uma cena de *spoken word* naquele momento?

I.A: Já, já havia um movimento! A *spoken word* tem 20 anos de existência em Angola. Chega à Angola em 2004 e quando eu apareço já tinha mais ou menos treze ou quatorze anos de existência.

T.M: Tem alguém, assim, que foi uma pessoa responsável?

I.A: Tem sim! Inclusive no nosso Festival³ estamos a celebrar também a existência da *spoken word*. Tem o Lukeney Bamba⁴, do Artes ao vivo, talvez depois seria interessante tu o entrevistares. O Lukeney Bamba, ele sai dos Estados Unidos (...), ele já fazia [*spoken word*], chegou a Angola para passar as férias, e acabou não voltando e começou a juntar um movimento pequeno e aí criou o Artes ao vivo e vários outros artistas foram se identificando, fazendo. No Brasil, esse movimento é conhecido como *Slam*. (...)

Então, em 2017, eu me descubro poeta de *spoken word*, me percebo poeta de *spoken word*. Fui conhecendo outros espaços, outras pessoas, outros movimentos. Fui trabalhando minhas narrativas e comecei a compor histórias para esse formato. Compor não é uma palavra que se enquadra propriamente porque eu já tinha, mas é mais ou menos a tentar me adaptar àquilo que já existia. (...) Na verdade, não havia muitas mulheres a fazerem, até 2017 só havia uma mulher a fazer o *spoken word* em Angola, assim, a batalhar para

palco, né? Havia várias outras que faziam, mas não a tentar entender isso como um estilo de vida, talvez, como a bandeira principal da sua profissão. Tem a Bel Neto⁵ e por conta disso surge mais tarde a primeira batalha de poesia falada de *spoken word* só para mulheres, que é o Muhatu⁶, onde eu participo pela primeira vez.

O primeiro evento de Muhatu foi em 2017, exatamente no mesmo ano em que eu estava a me descobrir. (...) Então participei do Muhatu e tinham cerca de 16 mulheres a apresentarem os seus textos, os seus poemas, as suas palavras. E foi dali que eu continuei indo.

Em dezembro voltei a participar de outro campeonato, que é o Luanda *Slam*, e nunca mais parei. Em 2018, participei, em 2019, participei, e fui participando, participando e então surge dali a minha relação com a palavra. (...) Assim, esse lugar da história, esse lugar da contação, mais tarde ela ocupou um espaço muito grande e eu fui chamada para fazer a minha primeira residência artística em Luanda, que foi o Ateliê Mutamba⁷. A residência artística ela tem como foco principal o fomento do cinema angolano, mas aí chamam, de repente, uma poeta, uma escritora. Talvez, venha dessa relação que eu já tenho com a história, porque os meus textos, a minha poesia, é muito visual.

T.M: Você não tinha trabalhado ainda com a linguagem visual?

I.A: Nunca, nunca havia trabalhado com audiovisual, na altura. Nem me visto sequer, nem me imaginado sequer. (...) E então, é mais ou menos desse ponto que eu sou selecionada para fazer parte da residência artística. Fiz a minha primeira residência artística Ateliê Mutamba, fiz o meu primeiro filme, que é o **Museu de Manifestações** (...) e em 2023, o meu filme é selecionado como o melhor documentário nacional, então ganhei o prêmio nacional no concurso de cinema documental DOCLUANDA. Depois, coordenei o departamento de roteiro da série Njila produzida pela Geração 80 e a Muanda Produções. Coordenei e escrevi também.

T.M: (...) Uma outra coisa que eu também tenho sentido nas conversas e entrevistas são as diferenças entre as gerações. Você até comentou, você fez esse comentário ao traçar sua trajetória, né?

I.A: (...) Olha, os artistas que vieram antes de nós foram os mais privilegiados a nível de estrutura. Porque eles estavam inseridos dentro de uma estrutura socioeconômica que lhes dava uma possibilidade muito grande de ascensão. E todo esse movimento que surge em 2015 com a abertura de Fuckin'Globo⁸, com a prisão dos 15+2⁹ e com todas essas coisas que foram surgindo de 2015 até aqui (...). Mas agora, esse movimento de artistas jovens da minha geração, que nascem mais ou menos em 1995, os meus amigos todos são de 1999 por mais incrível que pareça, eu sou de 1999.

T.M: Então, tens quantos anos já?

I.A: 24, faço 25 em novembro. Então, todo esse movimento é bem recente e tem todo um discurso muito atual também, que acaba representando o que eu sinto. (...) Os tempos são totalmente diferentes. E uma coisa que, para mim, incomoda é, por exemplo, as pessoas que vêm de uma outra geração acharem que nós não temos autonomia de falar sobre as coisas que eles já falaram.

T.M: Tipo o quê?

I.A: Qualquer tipo! Imagina, por exemplo, o candongueiro. O candongueiro de Luanda, que é mais ou menos o objeto mais popular, o objeto da apresentação da nossa cidade. É um objeto que já foi estudado e usado para vários outros trabalhos e, de repente, a forma como olho, por ser nova, a minha experiência com objeto é diferente da experiência de uma pessoa mais velha. E é mais ou menos monopolizar os temas, e acharem que nós não temos o direito de estar a falar sobre essas coisas porque alguém já falou, como se a nossa visão e ângulo de observação do assunto não importasse. Mesmo quando os discursos são diferentes, a intenção é diferente. Assim, a nível de conflitos geracionais.

(...) Nós temos uma geração toda que carrega marcas e sequelas de uma guerra civil de mais de 30 anos em Angola, cujos temas tinham muito a ver com as memórias coletivas das pessoas da geração deles, que eram questões relacionadas ao colonialismo, a própria guerra civil. Questões mais políticas e, embora essas questões nos atravessassem, e é inevitável que nos atravessassem de várias formas, nós não somos obrigados a falar sobre essas coisas. Nós não temos a obrigatoriedade de dar continuidade a uma coisa que não faz parte da nossa memória, que não nos atravessa. Nós temos autonomia e o direito de estarmos a falar sobre as nossas coisas. Falar, por exemplo, sobre questões relacionadas ao gênero, à sexualidade, à comunicação, à essa Luanda que vai surgindo dentro de um contexto mais atual, mais contemporâneo (...). É uma resistência em tentar aceitar o que nós temos a dizer de alguma forma. Tem sim, um grupo de pessoas que vem daquela geração, daquele contexto, e que já nos compreendem, mas também tem quem vá mantendo essa resistência. (...)

E eu venho dentro de uma disciplina que atravessa esses conflitos todos os dias, que é tipo: “*spoken word* não é poesia”, “isso não é literatura”, chegaram até de chamar o que nós fazemos como “lixeratura”. E o que é poesia para nós? Será que nós não temos o direito de escolher o que as coisas significam para nós dentro do nosso tempo, dentro das nossas experiências, dentro do nosso ângulo de observação? É mais ou menos sobre isso que eu falo, e é sobre isso que me incomoda. E acho que também é um dos motivos pelos quais eu tirei um ano sabático para tentar organizar e encontrar respostas para as várias perguntas que eu individualmente já tinha, mas que era necessário entender as palavras, entender quais palavras usar para responder a outras.

T.M: Você acha que a tua geração consegue comunicar com outras para além de Angola? Porque, por exemplo, a cena da *spoken word* é uma cena internacionalizada, e vocês conseguem essa troca com outras?

I.A: Conseguimos! Nós temos uma geração que levou Angola para o campeonato mundial de poesia falada em 2024. Nós pela primeira vez tivemos uma angolana a representar Angola. (...) Então, temos uma geração que fez isso. Temos uma geração que consegue hoje reunir cerca de 3.000,00 pessoas para verem cinema nacional. Então, são coisas incríveis a serem feitas por pessoas da minha geração. Temos uma geração que enche a galeria. Temos uma geração que ocupa um lugar significativo nas mídias. (...) Não são populares, não são artistas populares, não tem nada a ver com isso. Tem a ver com o que nós dizemos impactar de alguma forma as pessoas e causar mudança. E acho que isso é o mais necessário.

T.M: Para além das residências [artísticas], quais formatos poderiam melhor proporcionar essa troca entre diferentes gerações? (...)

I.A: Não sei se existiria um formato adequado para isso, além das residências. Mas, já é bem comum termos artistas com ateliês em Luanda e com o espaço de trabalho próprio, né? Então talvez fosse dali um ponto de partida interessante para essas trocas. É conhecer o que o artista está a fazer. Onde é que é o ateliê do fulano, marcar encontro, mas encontros com essa intenção.

Então, eu gosto do movimento que está a surgir agora. Gosto dessa minha geração, dessa ousadia que tem em não replicar narrativas e replicar técnicas, dessa rebeldia acima de tudo.

T.M: E você sente que o mercado tem espaço para isso?

I.A: (...) A primeira exposição dos filmes do Ateliê Mutamba tivemos de fazer duas sessões, o que era mais ou menos: tem um grupo de pessoas a assistirem, acabaram os filmes, “ê pá! saiam fora”; daí um espaço pros que estão fora, “saiam, saiam, saiam...” E entra outro grupo e entra... foram três, três sessões!

T.A: Mas você acha que isso é porque tem muito artista querendo falar ou porque tem pouca galeria querendo ouvir vocês?

I.A: Tem muita gente querendo ouvir. Acho que é isso. E é daí de onde parte o meu questionamento. Essas pessoas não são surdas, não são cegas. Elas têm a capacidade de entender por si mesmas o que é certo, e o que é errado, né? (...) Será que o que essas pessoas têm a dizer não vale nada? Será que o que elas observam do que essa geração vai fazer não significa realmente nada? Não importa, não causa mudança?

T.M: Se calhar podiam ter mais galerias interessadas nesse recorte etário e nessa geração para poder ter mais eventos como esse.

I.A: Mas também temos poucas galerias. (...)

T.M:(...) Fiquei super contente em ver ações para os miúdos e adolescentes [no Festival do *Goethe-Institut*], porque eu sinto que de todas as conversas que eu tive até esse dia, eu ainda não tinha visto essa preocupação de incluir as crianças. Porque eu acho que tem um lugar que não é da formação da próxima geração de artistas, mas é da formação da próxima geração de espectadores.

I.A: Ok, ok. Os meninos... Nunca olhei a partir desse ângulo.

T.M: Pois então, tem um lugar de formação, de público, de plateia, que oficinas como essa que está a ocorrer agora, que é a oficina de dança, proporcionam, né? Então, no fundo eu queria te perguntar um pouco como você vê isso, e se sente que é um espaço necessário.

I.A: (...) Então, eu nunca olhei para esse assunto a partir desse ângulo. Nos preocupamos muito com a próxima geração de artistas, mas não com a próxima geração de telespectadores. Porque no final, a arte tem um público, um objetivo final que é ser consumido, ser, ser...

T.M: Precisa ter alguém que ouça você.

I.A: Sim! E quem são essas pessoas? Andamos a negligenciar isso. E foi pensando nisso que, por exemplo, nós temos a oficina para as crianças, que acontecem normalmente às terças-feiras [dentro do Festival]. Mas, até antes da última semana, o nosso público era majoritariamente composto por crianças. Nós tínhamos aqui na sala 50, não sei se chegaste a reparar isso, em algum momento: 50, 70 crianças... E tu estás a ver as crianças a não se identificarem com a programação.

T.M: Vocês convidaram essas crianças?

I.A: Não, elas vieram porque perceberam que a porta está aberta e que têm um evento gratuito e foi pensando nisso que nós metemos, mais tarde, a biblioteca móvel lá mais para trás, que é um lugar aonde elas podem vir. (...) Saem da sala e já têm ali um canto para sentar-se, para ficar. Eu não consigo te responder a essa pergunta com palavras de dizer sim e não, (...) mas acho que a partir de agora vai sim se constituindo nisso. Acho que agora é só uma curiosidade, mas talvez daqui para frente tem de haver esse interesse. Tem de haver esse interesse, sim. Bibliotecas Comunitárias, vários centros culturais comunitários que vão surgindo dentro do ambiente mesmo informal, no quintal da mãe de alguém...

T.M: Artistas vão até esses lugares?

I.A: Sim, vão a esses lugares, colaboram com essas pessoas. O Goethe-Institut colabora com esses centros. Então, acho que é dali onde, desse ponto, surge uma certa revolução, né? Mas é preciso ser corajoso para fazer isso, porque é toda uma estrutura que se movimenta e tu não tens nem sequer condições para sustentar aquilo. Nós temos vários outros centros culturais comunitários que funcionam dois ou três meses e no quarto mês já morreu. Porque não há como, não há recursos. Há interesse, há vontade.

Recebido para avaliação em 30/11/2024.

Aprovado para publicação em 10/04/2025.

NOTAS

1 Doutoranda em Estudos Comparados de Literatura pelo PPG em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF). Concluiu seu mestrado em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e licenciou-se em música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atua como educadora há 16 anos em escolas da rede pública e particular e escreve livros didático de artes para o Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD). n° OCRID: 0009-0000-9019-1442 <https://orcid.org/0009-0000-9019-1442>

2 Agência criativa independente com foco na concepção de projetos culturais que ligam arte, pessoas, instituições e marcas. Para saber mais acesse @art.sem.letra

3 A entrevista foi realizada no contexto do Festival O Futuro já era realizado pelo Goethe-Institut entre junho e julho de 2024 no espaço do Cine São Paulo. Irene Amosi foi uma das produtoras executivas do festival.

4 Artista de spoken word e produtor musical que, em 2004, criou o Artes ao Vivo, um evento de microfone aberto que reunia jovens artistas para exporem seus trabalhos.

5 Bel Neto escritora e slammer luandense foi finalista do Luanda Slam 2016 e 2017, representou Angola na Flup 2017 e na Copa Africana de Slam, no Tchad em 2018. É membro do Coletivo de Artes Pedro Belgio e tem obras e textos adaptados para teatro. Desde 2019 é membro do grupo de spoken word Forno Feminino.

6 Muhatu significa mulher na língua angolana Kimbundu, na roda de spoken word Muhatu mulheres competem pelo título. Para conhecer mais acesse @muhatuspoken.

7 O Ateliê Mutamba é um projeto de residência artística com realização da Kinoyetu e patrocínio do Goethe-Institut. A edição de 2022 teve a coordenação de Orlando Sergio, curadoria de Ery Claver e explorou o conceito de interdisciplinaridade. Durante a residência artística, com duração de quatro meses, três artistas e o curador se comprometeram a interligar vivências e apresentar, ao final, uma exposição coletiva.

8 O evento de arte multidisciplinar Fuckin'Globo nasce em 2015 com a ocupação dos quartos do antigo Hotel Globo, na baixa de Luanda. De forma independente, sem qualquer patrocínio ou apoio institucional, artistas transformaram os quartos do hotel em espaços expositivos com uma abordagem livre e audaciosa sobre temas culturais, sociais e políticos em obras exclusivas para o evento.

9 Em 2015 dezessete jovens foram presos em Luanda, julgados e acusados por vários crimes enquanto liam e discutiam sobre métodos pacíficos de protestos. O grupo de ativistas ficou conhecido como 15+2 e o caso gerou grande repercussão nacional e internacional.